

Autorização concedida a Biblioteca Central da Universidade de Brasília pela Professora Ducineli Régis Botelho, em 09 de julho de 2020, para disponibilizar a obra, gratuitamente, para fins acadêmicos e não comerciais (leitura, impressão e/ou download) a partir desta data. A obra continua protegida por Direito Autoral e/ou por outras leis aplicáveis. Qualquer uso da obra que não o autorizado sob esta licença ou pela legislação autoral é proibido.

REFERÊNCIA

SOUTO, Marília Cerqueira Soares Martins; SILVA, César Augusto Tibúrcio; BOTELHO, Ducineli Régis. Influência da educação financeira no comportamento financeiro: um estudo com os discentes e egressos dos cursos de Ciências Contábeis, Economia e Administração. **Revista de Ciências Contábeis** - RCiC, Cuiabá, v. 10, n. 19, p. 18-38, 2019. Disponível em: <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rcic/article/view/8932/pdf>. Acesso em: 27 jul. 2020.



Revista de Ciências Contábeis
| RCiC-UFMT |

homepage do periódico: <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rcic>



Influência da educação financeira no comportamento financeiro: um estudo com os discentes e egressos dos cursos de Ciências Contábeis, Economia e Administração

Influence of financial education in financial behavior: a study with students and graduates in Accounting Sciences, Economy and Administration

Influencia de la educación financiera en el comportamiento financiero: un estudio con estudiantes y graduados de cursos de Contabilidad, Economía y Negocios

Marília Cerqueira Soares Martins Souto
Universidade de Brasília, Brasil
marilia.souto@hotmail.com
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-6130-1590>

César Augusto Tibúrcio Silva
Universidade de Brasília, Brasil
cesartiburcio@unb.br
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5717-9502>

Ducineli Régis Botelho
Universidade de Brasília, Brasil
ducineli@unb.br
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-6205-2071>

Histórico do artigo:
Recepção: 14 Agosto 2019
Aprovação: 10 Dezembro 2019
Publicado: 15 Maio 2020

RESUMO

O objetivo da pesquisa é analisar a relação entre o conhecimento e o comportamento financeiro de discentes e egressos dos cursos de Ciências Contábeis, Economia e Administração. Foi aplicado um questionário, adaptado do modelo validado de Flores (2012), contendo 26 questões para uma amostra de 177 discentes e egressos dos cursos de ciências contábeis, economia e administração da Universidade de Brasília. O questionário possui questões que medem o nível de educação financeira, mapeia as variáveis socioeconômicas e demográficas, a posição dos entrevistados em relação ao uso de crédito, seu perfil de gasto, sua tendência ao endividamento e seu comportamento de risco. Os resultados encontrados demonstraram que a educação financeira no comportamento financeiro da amostra é diretamente proporcional. Quem possuía maior conhecimento financeiro apresentou menor tendência a um comportamento de risco e ao endividamento. Por fim, a pesquisa evidenciou a importância da educação financeira para os indivíduos e para a sociedade. Conclui-se que o investimento em educação financeira para a população pode ser uma das possíveis soluções para problemas de endividamento e inadimplência no Brasil.

Palavras-chave: Educação Financeira. Comportamento financeiro. Comportamento de risco. Endividamento

ABSTRACT

The purpose of the research is to analyze the relationship between the financial knowledge and financial behavior of students and graduates of the areas of Accounting Sciences, Economy and Administration. A questionnaire adapted from the validated Flores's model (2012) containing 26 questions was applied to a sample of 177 students and graduates from the areas of accounting, economics and administration at the University of Brasília. The questionnaire has questions that measure the level of financial education, verifies the socioeconomic and demographic variables, the position of the interviewees in relation to the use of credit, their spending profile, their tendency towards indebtedness and their risk behavior. The results showed that there is a positive influence of financial education on the financial behavior of the sample. Respondents with more financial knowledge were less prone to present a risky behavior and to indebtedness. The research highlights the importance of financial education for the individuals and for the society. The data presented demonstrates that the investment in financial education for the population may be one of the possible solutions to problems of indebtedness in Brazil.

Keywords: Financial Education. Financial behaviour. Risk behaviour. Indebtedness.

RESUMEN

El propósito de la investigación es analizar la relación entre el conocimiento y el comportamiento financiero de estudiantes y egresados de Contabilidad, Economía y Administración. Se aplicó un cuestionario adaptado del modelo validado de Flores (2012) que contenía 26 preguntas a una muestra de 177 estudiantes y graduados de los cursos de contabilidad, economía y administración de la Universidad de Brasília. El cuestionario tiene preguntas que miden el nivel de educación financiera, mapea las variables socioeconómicas y demográficas, la posición de los encuestados en relación con el uso del crédito, su perfil de gasto, su tendencia al endeudamiento y su comportamiento de riesgo. Los resultados mostraron que la educación financiera en el comportamiento financiero de la muestra es directamente proporcional. Aquellos con más conocimiento financiero eran menos propensos a comportamientos de riesgo y deudas. La investigación destaca la importancia de la educación financiera para los individuos y la sociedad. Los datos presentados demuestran que invertir en educación financiera para la población puede ser una de las posibles soluciones a los problemas de deuda y delincuencia en Brasil.

Palabras-clave: Educación Financiera. Comportamiento financiero. Conducta de riesgo. Endeudamiento.

1. INTRODUÇÃO

Na primeira década do século XXI, o Brasil experimentou um aumento expressivo na oferta de crédito na economia. A modalidade de crédito à pessoa física cresceu em 9% do PIB, em dezembro de 2002, para 21% em dezembro de 2010. Neste período, observou-se um aumento do uso do crédito pessoal e do crédito para compra de veículos e imóveis. (IPEA, 2015).

O maior acesso ao crédito proporcionou um aumento no endividamento das famílias brasileiras. Apesar do consumo final das famílias brasileiras ter aumentado na primeira década do século XXI, atingindo R\$ 1.266 bilhões no ano de 2005, estimulado justamente pela alta oferta de crédito, as despesas com juros dessas famílias também aumentaram, chegando a R\$ 4,9 bilhões no mesmo ano. (IBGE, 2007)

A Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC), realizada mensalmente pela CNC, mostrou que em 2017 a média anual de famílias brasileiras endividadas foi de 60,8%. Além disso, os indicadores de inadimplência observados também apresentaram alta, e a média anual do percentual de famílias com dívidas atrasadas foi de 25,4% em 2017, aumentando 1,2% em relação ao que foi apurado no ano de 2016. (CNC, 2017)

Os Indicadores Serasa Experian de Inadimplência mostram que o número de consumidores inadimplentes no Brasil chegou a 61,1 milhões em maio de 2017. Em agosto do mesmo ano esse número recuou para 60,4 milhões. No entanto, mesmo com essa variação positiva, o resultado ainda se mostra elevado. (SERASA EXPERIAN, 2017)

A partir de dados como esses, é possível inferir que uma grande camada da população brasileira se encontra com dificuldades na administração do seu dinheiro, situação que é problemática para a vida pessoal do indivíduo, mas que também causa efeitos negativos em níveis sociais, econômicos e políticos.

Instituições como a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) se preocupam em conceituar educação financeira e analisar seu impacto no comportamento financeiro dos indivíduos. Entende-se educação financeira como o processo através do qual o consumidor financeiro melhora o seu conhecimento sobre produtos financeiros, conceitos e riscos e, através de informação, instrução e/ou conselhos objetivos, desenvolve habilidades e confiança para se tornar mais consciente dos riscos e das oportunidades, fazer escolhas devido às informações que possui e para tomar outras atitudes efetivas que melhorarão seu bem-estar financeiro. (OCDE, 2013)

O processo decisório do ser humano, e conseqüentemente, a forma como ele se comporta financeiramente são influenciados por diversas variáveis, como o nível de educação financeira, o perfil do investidor, a propensão do indivíduo a poupar seus recursos, sua propensão a endividar-se, sua religiosidade, e com variáveis demográficas e socioeconômicas (faixa etária, gênero, escolaridade, estado civil e número de filhos/dependentes, por exemplo) (SILVA et al., 2017). Para a realização deste estudo, optou-se por avaliar as variáveis socioeconômicas e demográficas renda, grau de escolaridade, gênero e faixa etária, o perfil de gasto, a posição do entrevistado com relação a poupança e investimentos, o consumo planejado, o uso do crédito, a gestão financeira, o comportamento de risco e o endividamento.

Baseado nos fluxos e currículos dos cursos de Ciências Contábeis, Economia e Administração da Universidade de Brasília, os quais apresentam disciplinas que abordam assuntos relacionados à educação financeira, assumiu-se que os discentes e egressos destas três áreas de conhecimento possuem algum nível de educação financeira. Sendo assim, a fim de aprofundar os conhecimentos acerca da influência do conhecimento financeiro no comportamento financeiro dos indivíduos, o presente estudo buscou responder o seguinte questionamento: **Qual é a relação entre o conhecimento e o comportamento financeiro de discentes e egressos dos cursos de Ciências Contábeis, Economia e Administração da Universidade de Brasília?**

Nesse sentido, o objetivo geral do estudo é analisar a relação entre o conhecimento e o comportamento financeiro de discentes e egressos dos cursos de Ciências Contábeis, Economia e Administração da Universidade de Brasília. O objetivo específico apresentado buscou analisar a relação entre o nível de escolaridade e o nível de educação financeira da amostra analisada.

Os dados do Censo 2010 demonstraram que o nível de pessoas com curso superior no Brasil aumentou de 4,4% em 2000 para 7,9% em 2010, o que demonstra que há um número maior de pessoas nos dias de hoje com nível de escolaridade acima da média brasileira. A mesma pesquisa mostrou que um item que também cresceu neste período foi a quantidade de juros pagos pelos cidadãos, as despesas com juros cresceram 70,9%, alcançando a marca de 47,9 bilhões em 2005. (IBGE, 2012)

Sendo assim, ao considerar índices e pesquisas que demonstram um comportamento financeiro problemático de uma parte considerável dos cidadãos brasileiros, e, notando um crescimento do número de pessoas que possuem nível superior no país, este estudo faz-se pertinente, porquanto analisa o comportamento financeiro de consumidores brasileiros que cursam o ensino superior, e têm, portanto, a expectativa de atingir esse grau de escolaridade, num espaço temporal de curto a médio prazo. A constatação de que a parcela da população possuidora DE escolaridade de nível superior vem crescendo significativamente nos últimos anos, nos leva a esperar que esse número continue aumentando, de tal maneira que, em algum

momento, esse agrupamento de pessoas será predominante na sociedade brasileira, tornando relevante a análise do comportamento financeiro daqueles indivíduos.

O estudo ainda se mostra relevante pelo fato de analisar o comportamento financeiro de pessoas que, supostamente, detêm conhecimento financeiro. Desta forma, espera-se que o trabalho demonstre a importância da disseminação de informações relacionadas a finanças pessoais para pessoas que não possuem contato com a área, a fim de que os cidadãos brasileiros tomem conhecimento da relevância deste tópico para suas vidas pessoais e para a sociedade em que vivem.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Segundo Cauchon (2011), em 2010, o montante devido a empréstimos de estudantes universitários americanos ultrapassou a dívida de cartão de crédito, e a dívida de empréstimo estudantil acumulada estava se aproximando de um trilhão de dólares a época que a pesquisa foi realizada. Uma parte significativa das universidades brasileiras são públicas. Logo, os estudantes não possuem nenhum custo direto com relação a mensalidade da universidade, e, portanto, suas despesas são diferentes, estando geralmente relacionadas ao material de estudo, por exemplo. A indústria de cartão de crédito e o sistema de crédito também são diferentes daqueles compreendidos nos Estados Unidos da América, mas, ainda assim, muitos jovens brasileiros apresentam um comportamento financeiro problemático. Mesmo com esse cenário, ainda é perceptível o baixo número de estudos relacionados ao comportamento financeiro desses, uma vez que a maior parte da literatura brasileira sobre o assunto é baseada em estudos de países estrangeiros (MENDES-DA-SILVA; NAKAMURA; MORAES, 2012).

2.1 FINANÇAS COMPORTAMENTAIS VERSUS EDUCAÇÃO FINANCEIRA

Os desejos de um indivíduo levam à sua tomada de decisões. Geralmente, as atitudes tomadas são formas de alcançar tais desejos. Ao longo de sua vida, uma pessoa precisa tomar inúmeras decisões em todos os aspectos, como, por exemplo, o financeiro, o pessoal, o profissional e o acadêmico. No entanto, o ato de tomar decisões é algo muitas vezes difícil para as pessoas, sendo inclusive, objeto de estudos nas mais variadas áreas como filosofia, ética, estatística e teologia. A dificuldade na tomada de decisões se dá pela complexidade da natureza humana. Sendo assim, a teoria de finanças comportamentais busca fundir conceitos de economia, finanças e psicologia cognitiva, a fim de construir um modelo mais detalhado do comportamento humano nos mercados financeiros. As finanças comportamentais admitem que existem vieses de decisões e consideram que a maioria deles pode e deve ser eliminada. O objetivo é aprimorar modelos financeiros, incorporando tendências de comportamento identificadas nos seres humanos. (MACEDO; KOLINSKY; MORAIS, 2011)

Ressalta-se que, nas últimas duas décadas, o ambiente econômico brasileiro apresentou maior estabilidade, com redução da inflação. Com isso, foi possível o aumento da oferta de produtos e de serviços financeiros, ressaltando, dentre eles, os produtos de crédito, cuja oferta aumentou significativamente, possibilitando um maior poder de compra para a população. Contudo, usufruir destes produtos de forma consciente é fundamental para a manutenção da estabilidade econômica do país. A educação financeira está, portanto, intimamente ligada aos níveis de endividamento e inadimplência. (BACEN, 2013)

A educação financeira pode ser definida como o processo através do qual os consumidores financeiros aprimoram seu conhecimento sobre produtos financeiros, conceitos e riscos e, através da informação, instrução e/ou conselhos objetivos, desenvolvem habilidades e confiança para se tornarem mais conscientes dos riscos financeiros e das oportunidades, para

fazer escolhas inteligentes, para saber onde procurar ajuda e para tomar outras ações efetivas que melhorarão seu bem-estar financeiro. (OCDE, 2013)

É válido ressaltar que a educação financeira é uma característica sobre a qual não existe consenso para sua medição. Cada autor a mensura de uma forma diferente na literatura. No Brasil, foi criado um índice chamado Índice de Educação Financeira (INDEF) em 2012, elaborado pelo IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística) em parceria com a Serasa Consumidor. O indicador busca compreender melhor os níveis de conhecimento financeiro, os hábitos de consumo e as necessidades financeiras da população brasileira (SILVA et al., 2017).

2.2 ASPECTOS PRELIMINARES DAS VARIÁVEIS SOCIOECONÔMICAS

Para essa pesquisa, optou-se por analisar as variáveis socioeconômicas e demográficas, bem como, a percepção do respondente com relação ao endividamento, comportamento de risco, uso do crédito, gestão financeira e consumo planejado, poupança e investimentos, destacadas na literatura com pesquisas relacionadas à educação financeira.

Os estudos feitos na análise de endividamento são desenvolvidos em áreas distintas, pois diversos fatores influenciam o comportamento de um consumidor financeiro e seu possível endividamento. Essa análise faz-se necessária, pois, a depender do seu nível de endividamento, a pessoa pode comprometer significativamente sua renda com o pagamento de dívidas. Nesse sentido, é interessante elencar algumas das variáveis que influenciam a propensão ao endividamento dos indivíduos. São elas: os aspectos demográficos (idade, renda, gênero, número de dependentes, estado civil, entre outros), aspectos culturais (os grupos raciais, religiões e regiões geográficas), os fatores comportamentais (o valor do dinheiro, o comportamento de risco, a educação financeira, o uso do crédito e as emoções, entre outros). (FLORES, 2012)

Gathergood (2012), que realizou um estudo no Reino Unido sobre comportamento financeiro, mostrou que endividamentos excessivos são mais comuns em pessoas mais jovens, solteiros, com filhos e com nível de escolaridade menor. Os estudantes universitários têm um risco especialmente alto de se envolverem em problemas financeiros mais sérios, isso se dá devido à fácil disponibilidade de cartões de crédito, por exemplo.

Enquanto o comportamento de risco se trata da atitude do indivíduo perante situações consideradas arriscadas, desta forma, é possível identificar se a pessoa é mais tendente, avessa ou indiferente ao risco quando está diante de decisões de compra, que influenciam em todo o quadro de finanças pessoais. (FLORES, 2012)

Já o crédito pode ser benéfico e problemático ao mesmo tempo, tanto para o tomador quanto para o fornecedor do crédito. O tomador de crédito pode ter diversas vantagens com essa prática, como a antecipação de consumo, o atendimento a emergências e o aproveitamento de oportunidades. No entanto, existem desvantagens que podem acarretar problemas sérios posteriormente, como o pagamento de juros, o risco de endividamento excessivo e o limite de consumo futuro. É de extrema importância que haja um consumo responsável de crédito através da compreensão de todas as vantagens e desvantagens por ele trazidas. (BACEN, 2013)

Um estudo feito em São Paulo com estudantes universitários demonstrou que o acesso facilitado ao crédito favorece uma utilização pouco responsável. O número de cartões de crédito que um jovem possui aumenta sua probabilidade de apresentar um comportamento de risco. Além disso, o estudo concluiu que existem indicações significativas de que a educação financeira influencia o comportamento dos estudantes através da adoção ou não de um comportamento de risco, ou seja, aqueles que tinham consciência sobre as taxas de juros aplicadas pelos credores apresentaram, em geral, uma menor propensão a adotar comportamentos de risco. (MENDES-DA-SILVA; NAKAMURA; MORAES, 2012)

Dessa forma, entende-se educação financeira como o conjunto de informações que auxilia as pessoas a lidarem com sua renda, com a gestão do seu dinheiro, gastos e empréstimos monetários, poupança e investimentos a curto e longo prazo. Todas as possibilidades que o mercado financeiro proporciona para os consumidores só podem ser aproveitadas se a sociedade tiver acesso a informações específicas que auxiliem as pessoas a encontrarem a melhor forma possível para lidar com tópicos relacionados a esses assuntos. (MATTA, 2007)

De acordo com o Banco Central do Brasil (2013), o ato de consumir de forma planejada e consciente não significa restringir gastos e deixar de consumir. Trata-se de focar os recursos naquilo que é mais relevante para a realidade pessoal de cada um. O planejamento financeiro possibilita consumir mais e melhor. O planejamento financeiro pode trazer inúmeras vantagens, dentre elas, pode-se citar o controle do endividamento pessoal, o auxílio na preservação e no aumento do patrimônio, a eliminação de gastos desnecessários, a utilização dos juros de forma a favorecer o consumidor e a maximização dos recursos disponíveis.

Finalmente, a poupança pode ser considerada como a diferença entre as receitas e as despesas. Ela é uma sobra financeira, e deve ser direcionada para algum tipo de investimento para que seja remunerada. E investimento é a aplicação dos recursos poupados, com a expectativa de remuneração por essa aplicação. (BACEN, 2013)

Existem os mais variados tipos de investimento, desde os que remuneram mais o capital e apresentam maior risco de perda, até os que remuneram menos e apresentam menor risco. É interessante que o investidor conheça esses conceitos e saiba qual é o objetivo do seu dinheiro, podendo alocar seus recursos em aplicações diferentes, apresentando uma variação na carteira de investimentos, o que denota uma gestão financeira inteligente.

2.3 PESQUISAS ANTERIORES SOBRE EDUCAÇÃO FINANCEIRA

Carvalho e Scholz (2019) concluíram em sua pesquisa a importância do conhecimento em educação financeira nos currículos de cursos brasileiros de ensino médio e fundamental e o vínculo desse assunto na disciplina de matemática. Entretanto, observaram uma ausência significativa desse conhecimento na amostra estudada. Enquanto, Abar, Branco e Araújo (2018) mapearam as pesquisas em educação financeira no período entre 2014 e 2016, em nível de mestrado e doutorado, com enfoque das contribuições da tecnologia para melhoria do ensino da educação financeira. E identificaram apenas três pesquisas que apresentaram soluções tecnológicas para o assunto, objeto de estudo.

Andrade e Lucena (2018) verificaram existir relação entre o nível de educação financeira e o comportamento financeiro de discentes de graduação em Ciências Contábeis, Pedagogia, Biologia, História, Música e Serviço Social. Já Felipe, Ceribeli e Lana (2017) pesquisaram o grau de alfabetização financeira de estudantes universitários no Norte do México e concluíram ser baixo. Ou seja, não encontraram evidências que o conhecimento financeiro seja impactado pelo comportamento financeiro, a partir da amostra estudada.

Saraiva (2017) pesquisou em sites oficiais no Brasil, França e Estados Unidos da América, que tratavam de proposta de Educação Financeira, comparando-os entre si seus objetivos. Concluiu que no Brasil, o site brasileiro Vida e Dinheiro destaca o protagonismo das instituições financeiras e é orientado aos consumidores, o site francês *La finance pour tous* enfoca aspectos de finanças e economia e o site norte-americano *My Money*, também é direcionado aos consumidores e instituições financeiras.

Potrich, Vieira e Kirch (2015) desenvolveram um modelo explicativo para o nível de alfabetização financeira dos indivíduos, baseado em variáveis socioeconômicas e demográficas de indivíduos residentes no Rio Grande do Sul. Concluíram um baixo nível de alfabetização financeira em 67,1% da amostra pesquisada. E Savoia, Saito e Santana (2007) perceberam uma

reduzida capacitação financeira dos agentes públicos e privados no programa de educação financeira brasileiro, destacando o papel das instituições de ensino para uma melhor formação da sociedade nesse assunto. Os autores propuseram cinco ações, com destaque para a inserção da educação financeira em todos os níveis de ensino e monitoramento da qualidade dos programas de capacitação financeira.

3. METODOLOGIA

A amostra analisada nesse estudo foi uma amostra intencional, na qual foram escolhidos discentes e egressos das áreas de Ciências Contábeis, Economia e Administração da UnB, a partir do pressuposto de que eles já possuem algum nível de educação financeira, devido a suas áreas de conhecimento.

Para a realização da pesquisa foi utilizado como instrumento de coleta de dados um questionário eletrônico, adaptado do modelo validado de Flores (2012), de 26 questões, disponível aos respondentes através da plataforma digital Formulários Google®. O questionário está dividido em cinco partes, ele foi enviado por correio eletrônico (e-mail) para os discentes e disponibilizado em redes sociais. Ficando disponível para os respondentes do dia 2/maio/2018 ao dia 21/maio/2018. Foram coletadas 177 respostas.

A primeira parte do questionário é composta por perguntas fechadas, perguntas dicotômicas e perguntas de múltipla escolha. Ela é composta por 6 questões, e foi elaborada em conformidade com as classificações do IBGE, tendo como objetivo traçar os aspectos demográficos e socioeconômicos do respondente. As variáveis abordadas foram o gênero, o nível de escolaridade, o curso de formação, dentre os analisados (Ciências Contábeis, Economia e Administração). Se o respondente possui renda, em qual faixa de renda ele se encaixa e, caso não possua renda, qual tipo de renda utiliza.

A segunda parte da pesquisa buscou verificar qual é a posição dos entrevistados com relação ao uso do crédito e o seu perfil de gastos. Para isso, foram feitas duas perguntas: a primeira, verifica o comportamento em relação ao cartão de crédito, questionando quantos cartões de crédito os respondentes utilizam. E a segunda, analisa o seu perfil de gasto, a fim de identificar se os respondentes gastam mais do que ganham, ou não.

Na terceira parte do questionário, estão contidas 12 questões sobre educação financeira. Adotou-se uma escala tipo Likert com 5 pontos, 1 = nunca; 2 = quase nunca; 3 = quase sempre; 4 = sempre; 5 = não se aplica, para as afirmações favoráveis à educação financeira, e 1 = sempre; 2 = quase sempre; 3 = quase nunca; 4 = nunca; 5 = não se aplica, para as questões desfavoráveis à educação financeira. As respostas foram convertidas em escores segundo Flores (2012), sendo estes: 12 (pontuação mínima) e 48 pontos (pontuação máxima). De acordo com a pontuação obtida, os casos são classificados como baixo nível de conhecimento (abaixo de 60% da pontuação máxima, ou seja, igual ou abaixo de 28 pontos), nível médio de conhecimento (entre 60% e 79% da pontuação máxima, entre 29 e 37 pontos) e alto nível de conhecimento sobre finanças pessoais (acima de 80%, ou seja, igual ou superior a 38 pontos).

Na quarta parte, verificou-se o comportamento de risco dos respondentes. São três questões que indagam sobre a possibilidade de o respondente realizar ações de risco. A escala utilizada por Flores (2012) questiona apenas sobre situações correspondentes a risco financeiro. As perguntas foram feitas para verificar a probabilidade de o indivíduo realizar as ações elencadas, as alternativas são distribuídas através de 5 pontos, 1 = muito improvável; 2 = improvável; 3 = incerto; 4 = provável; 5 = muito provável.

Na quinta e última parte, foram feitas questões sobre o comportamento dos indivíduos frente ao endividamento. A seção compreendeu três questões acerca da percepção dos respondentes sobre situações relacionadas ao tópico endividamento, e foi dividida em duas

dimensões, sendo duas questões demonstrando atitudes mais avessas, e uma demonstrando atitude mais tendenciosa ao endividamento. As alternativas foram distribuídas em 5 pontos, 1 = discordo muito; 2 = discordo; 3 = indiferente; 4 = concordo; 5 = concordo muito, para as afirmações avessas ao endividamento, e 1 = concordo muito; 2 = concordo; 3 = indiferente; 4 = discordo; 5 = discordo muito, para as questões tendenciosas ao endividamento.

Os dados foram tabulados e analisados utilizando o software Microsoft Excel®. A fim de responder o problema de pesquisa, os resultados da terceira parte do questionário, que mensura a educação financeira dos respondentes, foram cruzados com cada uma das duas últimas partes, relacionados ao comportamento de risco e ao endividamento, respectivamente. Para o alcance do objetivo específico foram cruzados os resultados da variável escolaridade com as respostas relacionadas à educação financeira. Para validar a confiabilidade do questionário, foi calculado um Alfa de Cronbach utilizando o programa SPSS®.

O instrumento de coleta de dados também proporcionou o cruzamento dos resultados relacionados à variável faixa etária dos respondentes e o número de cartão de crédito utilizado por eles; número de cartões de crédito e comportamento de risco, e faixa etária e propensão ao endividamento, pois, segundo estudo de Mendes-da-Silva, Nakamura e Moraes (2012), o acesso facilitado ao crédito favorece uma utilização pouco responsável, sendo que o número de cartões de crédito que um jovem possui, tem influência direta no seu comportamento de risco.

Segundo Costa e Miranda (2013), as variáveis escolaridade e poupança não estão diretamente ligadas. Portanto, o cruzamento dos resultados da variável nível de escolaridade e educação financeira — a qual abrange questões que tratam de poupança — foi feito para averiguar se o mesmo pode ser afirmado para a amostra analisada. Por outro lado, os resultados do INDEF de 2017 averiguaram uma relação diretamente proporcional entre o nível de escolaridade e a educação financeira dos indivíduos.

Para verificar a ligação entre as respostas, foi obtido o dendograma entre as diferentes perguntas e respostas (Figura 1). Foram consideradas questões do mesmo grupo: a preocupação com o melhor gerenciamento do próprio dinheiro (P1), e o pagamento da fatura do cartão de crédito no prazo (P6), a análise das finanças com profundidade antes de fazer uma grande compra (P10), a não utilização do crédito bancário automático (P4), a não preferência por compra a prazo (P11), se a pessoa evita compra por impulso (P12) e o não pagamento da compra em atraso (P3). Outro grupo de respostas inclui o ato de poupar mensalmente (P7), se a pessoa poupa visando a compra de um produto caro (P8), se possui uma reserva financeira (P9), pouco comprometimento da renda do indivíduo com compras a crédito (P5) e anotação e controle dos gastos (P2). Quanto menor a distância entre uma pergunta e outra no dendograma, mais parecidas foram as respostas para ambas as perguntas.

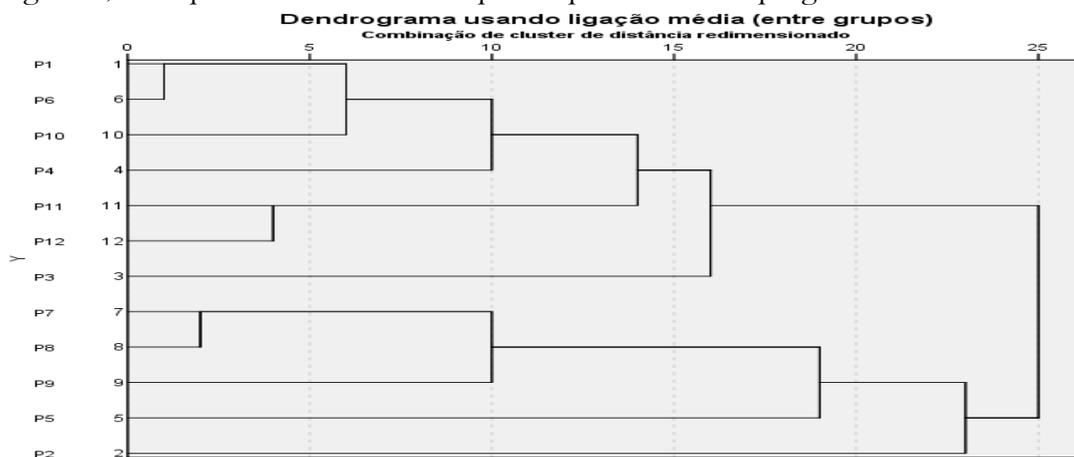


Figura 1. Dendograma
Fonte: Dados da pesquisa

Para verificar como as variáveis influenciam no nível de educação financeira, foi calculada uma regressão entre esta variável e as demais variáveis obtidas no questionário. Para este cálculo, optou-se por desconsiderar a resposta “não se aplica” dos questionários. Assim, a educação financeira modificada foi mensurada da seguinte forma:

$$EFM = (P1+P2+P3-P4-P5+P6+P7+P8+P9+P10-P11-P12) / \text{Soma das respostas válidas}$$

O sinal negativo para as questões 4,5, 11 e 12 foi em razão da escala está invertida. A expressão divide o resultado pela soma das respostas válidas, sendo que quando um questionário não teve nenhuma resposta “não se aplica” isto significa 60 pontos no total. Caso uma pergunta de um respondente tenha a marcação da resposta “não se aplica”, a soma das respostas considerada foi de 55 pontos e assim por diante. Esta escala é diferente daquela usada por Flores em razão deste procedimento. A variável EFM obtida teve média de 36,74 pontos, mediana de 37 pontos, desvio de 6,47, com intervalo entre 20 a 53 pontos. Com base neste valor, foi calculado a expressão (1).

$$EFM_i = \alpha + \beta_1 IDADE + \beta_2 GENERO + \beta_3 ESCOL + \beta_4 RENDA + \beta_5 CARTAO + \beta_6 GASTO + \beta_7 RISCO + \beta_8 ENDIV + \varepsilon \quad (1)$$

sendo IDADE = idade do respondente segundo a classe de frequência, GENERO = variável dummy; ESCOL = dummy da escolaridade, RENDA = conforme as classes de renda; CARTÃO = ver; GASTO = VER; RISCO = resultante da soma das variáveis; ENDIV = soma das questões sobre endividamento.

4. RESULTADOS

O resultado do Alfa de Cronbach, utilizado para validar a confiabilidade do questionário, foi de 0,674. De acordo com Landis e Koch (1977), um resultado de Alfa de Cronbach entre 0,80 e 0,61, indica que a confiabilidade do constructo é substancial.

4.1 PERFIL DA AMOSTRA

Na amostra analisada as mulheres corresponderam a 50,8% da amostra, contra 49,2% de respondentes do gênero masculino. Com relação à faixa etária, 80,2% da amostra se encontra na faixa etária de 18 a 25 anos, seguida da faixa etária de 26 a 30 anos, representando 11,9%. Em terceiro lugar, ficou a faixa etária de 31 a 35 anos, representando 5,1%. Em quarto lugar, ficaram os respondentes acima de 36 anos, correspondentes a 1,7%. E por último, os respondentes até 17 anos, que representaram 1,1% da amostra.

Em relação ao nível de escolaridade, a maior parte da amostra (64,4%) foi composta por indivíduos com ensino superior incompleto (discentes), enquanto os egressos (superior completo) representaram 35,6% da amostra analisada. Com relação a renda, os respondentes foram primeiramente inquiridos sobre se possuíam renda própria ou não. Sendo assim, 33,9% da amostra afirmou que não possui renda própria, utilizando, em sua grande maioria (80,8%), a renda de pais ou responsáveis. Com relação ao restante da amostra, que respondeu que possuía renda própria, 53,7% possui renda na faixa de 1 a 5 salários mínimos, em seguida, 24,0% possui renda de até 1 salário mínimo, 15,7% a de 5 a 10 salários mínimos, e, por último, apenas 6,6% apresentou renda superior a 10 salários mínimos. A regressão foi calculada com todas as variáveis, conforme resultados na Tabela 1.

Tabela 1. Regressão

Modelo	Coeficientes não padronizados		t	Sig.
	B	Erro		
(Constante)	24,150	3,852	6,270	,000
Idade	-,563	,680	-,828	,409
Genero	-1,488	,841	-1,771	,078
Escolarida	-,174	,879	-,198	,844
⊥ Renda	-,590	,378	-1,562	,120
Cartao_de_Credito	,842	,348	2,418	,017
Gasto	4,204	,606	6,935	,000
Risco_Total	-,695	,236	-2,943	,004
Endiv_Total	,675	,224	3,009	,003

Fonte: Dados da pesquisa

O R da equação foi de 0,615, indicando que a equação ajuda a explicar o comportamento dos respondentes com respeito a educação financeira. O Durbin-Watson de 1,934 indica que os erros são aleatórios. Foi também calculada a colinearidade (não apresentada na Tabela 1) e os valores obtidos mostram que as variáveis independentes não são correlacionadas. Uma vez que o objetivo da regressão é explicar o comportamento da variável educação financeira e não fazer previsão sobre ela, os testes realizados foram considerados suficientes para assumir a qualidade da equação obtida. Já em relação aos resultados da regressão (Tabela 1), a educação financeira pode ser explicada pelas variáveis CARTÃO, GASTO, RISCO E ENDIV, todas com significância abaixo de 5%. A variável gênero apresentou uma significância de 7,8%, próxima do limite estabelecido para significância. As variáveis idade, escolaridade (se concluiu ou não) e renda não apresentaram significância na resposta.

4.2 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Com relação ao uso de cartão de crédito, 48,6% da amostra relatou que usa 1 (um) cartão de crédito, 24,9% utiliza 2 (dois) cartões de crédito, 19,7% não faz uso desse tipo de linha de crédito, e 6,8% da amostra usa mais de 2 (dois) cartões de crédito. Com relação ao perfil de gasto, os indivíduos foram questionados se gastam mais do que ganham, igual ao que ganham ou menos do que ganham. Os resultados demonstraram que 57,1% da amostra relatou que gasta menos do que ganha, 32,2% gasta igual ao que ganha, e apenas 10,7% gasta mais do que ganha.

De acordo com os resultados dessa fase da pesquisa, verificou-se um comportamento consciente frente ao gasto, pois a maior parte da amostra gasta abaixo da renda que possui. A parcela que gasta mais do que ganha foi pequena. Com relação ao uso de cartão de crédito, os resultados também foram positivos, pois a maioria dos respondentes utiliza apenas 1 cartão de crédito, e a parcela que utiliza mais de 2 cartões foi pequena.

Os resultados satisfatórios eram esperados para a amostra analisada nesse estudo. As respostas relacionadas ao uso de cartão de crédito vão de acordo com o verificado por Flores (2012). A amostra analisada pela autora também apresentou uma maior concentração de indivíduos que utilizam apenas 1 cartão de crédito (29,1% do total que afirmou utilizar cartão). No entanto, para a amostra analisada por Flores, um percentual representativo dos respondentes (43,4%) afirmou não utilizar cartão de crédito. Com relação ao perfil de gasto, a maior parte da amostra da autora também afirmou que gasta menos do que ganha (46,2%).

A Tabela 2 apresenta as questões da etapa do questionário relacionada à educação financeira e sua estatística descritiva.

Tabela2 – Estatística Descritiva

Variáveis	Favorável ou não à Educação Financeira	Média	Mediana	Desvio-padrão
1. Preocupa-se em gerenciar melhor o seu dinheiro	Favorável	3,54	4	0,61
2. Anota e controla os seus gastos pessoais (ex: planilha de receitas e despesas mensais, caderno de anotações financeiras etc.).	Favorável	2,55	3	1,09
3. Paga suas contas sem atraso.	Favorável	3,10	4	1,17
4. Tem utilizado cartões de crédito bancário automático (ex: cheque especial) por não possuir dinheiro disponível para as despesas	Desfavorável	3,66	4	0,86
5. Mais de 10% da renda que você recebe no mês seguinte está comprometida com compras a crédito (exceto financiamento de imóvel e carro).	Desfavorável	2,79	3	1,28
6. Paga integralmente a fatura do(s) seu(s) cartão(ões) de crédito a fim de evitar encargos financeiros (juros e multas).	Favorável	3,87	4	0,83
7. Poupa mensalmente	Favorável	2,84	3	1,08
8. Poupa visando a compra de um produto mais caro (ex: carro, apartamento)	Favorável	2,67	3	1,14
9. Possui uma reserva financeira que seja maior ou igual a 3 vezes a sua renda mensal, que possa ser usada em casos inesperados (ex: desemprego, doença)	Favorável	2,51	2	1,43
10. Analisa suas finanças com profundidade antes de fazer alguma grande compra	Favorável	3,20	3	0,92
11. Prefere comprar um produto financiado a juntar dinheiro para comprá-lo a vista	Desfavorável	3,09	3	0,98
12. Compra por impulso	Desfavorável	2,87	3	0,85
Total de respondentes (n) = 177				

Fonte: Dados da pesquisa

As questões de 1 a 3 estão relacionadas com a gestão financeira dos respondentes, sendo que a afirmação “Preocupa-se em gerenciar melhor o seu dinheiro” se destacou por apresentar os resultados mais positivos (média 3,54; mediana 4; desvio-padrão 0,61), o que denota que os respondentes estão mais próximos de sempre preocuparem-se em gerenciar melhor seu dinheiro. De modo geral, a amostra apresentou resultados mais próximos de sempre ou quase sempre nessas questões, o que demonstra uma gestão financeira satisfatória. No questionário aplicado por Flores (2012), os respondentes apresentaram resultados medianos para essa análise, sendo a afirmativa “Preocupa-se em gerenciar melhor o seu dinheiro”, a que apresentou melhor resultado também.

As questões de 4 a 6 referem-se ao uso do crédito por parte dos respondentes. As afirmações 4 e 5 são desfavoráveis à educação financeira. Dentre elas, a afirmação 4 destacou-se, a maioria dos respondentes respondeu nunca ou quase nunca para a afirmação “Tem utilizado cartões de crédito bancário automático (ex: cheque especial) por não possuir dinheiro disponível para as despesas”, o que demonstra um nível baixo de propensão ao endividamento. Com relação a afirmação favorável à educação financeira, a de número 6, os resultados mostraram que os respondentes afirmaram majoritariamente que sempre pagam integralmente a fatura do(s) seu(s) cartão(ões) de crédito a fim de evitar encargos financeiros (juros e multas). De forma geral, as questões de uso de crédito também apresentaram resultados satisfatórios. Na pesquisa de Flores (2012), os resultados para a afirmativa 6 foram parecidos com o constatado nessa pesquisa, a maioria da amostra também afirmou que sempre paga integralmente a fatura do cartão de crédito. Para a pesquisa da autora, os resultados para essa fase também foram positivos.

As questões de 7 a 9 abordam afirmativas sobre consumo planejado. A questão “Possui uma reserva financeira que seja maior ou igual a 3 vezes a sua renda mensal, que possa ser usada em casos inesperados (ex: desemprego, doença)” destacou-se por apresentar a menor média (2,51) de todo o questionário, o que mostra que a maioria dos respondentes respondeu entre quase nunca e quase sempre para essa afirmação. De forma geral, os indivíduos responderam mais próximo de quase sempre para as afirmativas relacionadas a consumo planejado, sendo este um resultado também satisfatório. No estudo feito por Flores (2012), a maioria da amostra respondeu sempre ou quase sempre pra afirmação “Poupa mensalmente”, que obteve média de 2,68, no entanto, uma grande parte da amostra (43,9%) afirmou que nunca poupa mensalmente. Em comparação com o constatado no presente estudo, a diferença entre os resultados para essa afirmação foi pequena, aqui, a média para essa afirmativa foi 2,84, ou seja, os resultados foram próximos.

Por fim, as questões de 10 a 12 são relacionadas a poupança e investimento. A afirmação “Analisa suas finanças com profundidade antes de fazer alguma grande compra” apresentou uma média de 3,20, o que demonstra que as respostas para essa questão foram majoritariamente quase sempre. As questões 11 e 12 são desfavoráveis à educação financeira. Ambas apresentaram médias mais próximas de 3, o que para o caso delas, demonstra que os respondentes afirmaram, em sua maioria, quase nunca para as duas. Os resultados foram positivos para esse bloco de afirmações, demonstrando uma preocupação em analisar as finanças e um consumo consciente por parte da amostra. Para a pesquisa de Flores (2012), a maioria da amostra (71,7%) afirmou que nunca ou quase nunca compra por impulso, essa afirmativa obteve média 3,52 na amostra analisada pela autora, apresentando um melhor resultado do que o constatado nesse estudo.

Os resultados dessa análise foram relativamente satisfatórios. A maior parte da amostra (49,7%) apresentou nível médio de conhecimento sobre finanças pessoais, em seguida, os respondentes que apresentaram nível alto de conhecimento sobre finanças pessoais totalizaram 29,3% e os que apresentaram nível baixo de conhecimento representaram 20,9%.

A quarta parte tratou de afirmações relacionadas ao comportamento de risco. A Tabela 3 apresenta as questões e suas estatísticas descritivas (média, mediana e desvio-padrão).

De forma geral, a amostra apresentou um baixo comportamento de risco. A afirmação com os resultados mais positivos foi “Gastar grandes quantidades de dinheiro em loterias.” Apresentando média 1,31; mediana 1 e desvio-padrão 0,61. Isso significa que os respondentes afirmaram majoritariamente que é muito improvável que tomem essa atitude. As outras duas afirmativas apresentaram média mais próxima de 2, o que significa que a maioria respondeu que é improvável que tomem as atitudes propostas nas afirmativas. Em comparação com o constatado por Flores (2012), a variação foi muito pequena, os resultados foram muito próximos dos constatados pela autora, a qual também apresentou resultados positivos para essa seção.

Tabela 3. Estatística Descritiva

Variáveis	Média	Mediana	Desvio-padrão
1. Gastar grandes quantidades de dinheiro em loterias.	1,31	1	0,61
2. Gastar dinheiro impulsivamente, sem pensar nas consequências	1,95	2	1,02
3. Investir em um negócio que possui grandes chances de não dar certo	1,73	2	0,80
Total de respondentes (n) = 177			

Fonte: Dados da pesquisa

A quinta e última parte do questionário abordou questões sobre endividamento. A Tabela 4 demonstra as questões e suas estatísticas descritivas.

Tabela 4. Estatística Descritiva

Variáveis	Se é avessa ou tendente ao endividamento	Média	Mediana	Desvio-padrão
1. Não é certo gastar mais do que ganho	Avessa	4,40	5	0,89
2. Eu sei exatamente quanto devo em lojas, cartão de crédito ou banco	Avessa	4,25	4	0,92
3. Acho normal as pessoas ficarem endividadas para pagar as coisas	Tendente	3,93	4	1,01
Total de respondentes (n) = 177				

Fonte: Dados da pesquisa

Os resultados apresentados na Tabela 4 demonstram que os indivíduos apresentaram, de maneira geral, uma baixa tendência ao endividamento. A afirmativa “Não é certo gastar mais do que ganho” apresentou os melhores resultados (média 4,40; mediana 5; desvio-padrão 0,89), o que demonstra que os indivíduos responderam, em sua maioria, que concordam com essa afirmação. A análise demonstrou resultados satisfatórios para esse item.

Na pesquisa de Flores (2012), para a afirmativa “Não é certo gastar mais do que ganho”, a amostra apresentou uma média próxima da constatada nesse estudo (4,18), demonstrando que os indivíduos concordam com a afirmativa, em sua maioria. Além disso, com relação à questão “Acho normal as pessoas ficarem endividadas para pagar as coisas” (média de 2,14), 72,5% dos respondentes discordam dessa afirmativa. Para a afirmativa “Eu sei exatamente quanto devo em lojas, cartão de crédito ou banco”, os respondentes apresentaram média de 3,99, o que quer dizer que eles responderam próximo de concordo para essa questão. Em comparação aos resultados apresentados pela autora é possível perceber pouca variação e resultados positivos para a amostra analisada por ela e para a amostra analisada no presente estudo. No entanto, a amostra analisada apresentou melhores resultados para o item endividamento.

Para atingir o objetivo geral da pesquisa, foram relacionados os resultados do nível de conhecimento financeiro dos indivíduos (alto, médio e baixo) com seu comportamento de risco e com sua propensão ao endividamento. A Tabela 5 apresenta os resultados da análise do nível de conhecimento financeiro com o comportamento de risco.

Tabela 5. Nível de educação financeira versus Comportamento de risco

Nível alto de conhecimento financeiro (n = 52)			
Comportamento de risco	Média	Mediana	Desvio-padrão
1. Gastar grandes quantidades de dinheiro em loterias.	1,23	1	0,64
2. Gastar dinheiro impulsivamente, sem pensar nas consequências	1,51	1	0,64
3. Investir em um negócio que possui grandes chances de não dar certo	1,71	1	0,87
Nível médio de conhecimento financeiro (n = 88)			
Comportamento de risco	Média	Mediana	Desvio-padrão
1. Gastar grandes quantidades de dinheiro em loterias.	1,35	1	0,62
2. Gastar dinheiro impulsivamente, sem pensar nas consequências	2,04	1	1,02
3. Investir em um negócio que possui grandes chances de não dar certo	1,75	2	0,77

Nível baixo de conhecimento financeiro (n = 37)

Comportamento de risco	Média	Mediana	Desvio-padrão
1. Gastar grandes quantidades de dinheiro em loterias.	1,32	1	0,52
2. Gastar dinheiro impulsivamente, sem pensar nas consequências	2,40	2	1,27
3. Investir em um negócio que possui grandes chances de não dar certo	1,72	2	0,80

Fonte: Dados da pesquisa

A Tabela 6 apresenta os resultados da relação entre nível de educação financeira e endividamento.

Tabela 6. Nível de educação financeira *versus* Endividamento

Nível alto de conhecimento financeiro (n = 52)			
Endividamento	Média	Mediana	Desvio-padrão
1. Não é certo gastar mais do que ganho	4,50	5	0,87
2. Eu sei exatamente quanto devo em lojas, cartão de crédito ou banco	4,50	5	0,80
3. Eu sei exatamente quanto devo em lojas, cartão de crédito ou banco	4,17	4	0,85
Nível médio de conhecimento financeiro (n = 88)			
Endividamento	Média	Mediana	Desvio-padrão
1. Não é certo gastar mais do que ganho	4,34	5	0,92
2. Eu sei exatamente quanto devo em lojas, cartão de crédito ou banco	4,28	4	0,85
3. Eu sei exatamente quanto devo em lojas, cartão de crédito ou banco	3,81	4	1,06
Nível baixo de conhecimento financeiro (n = 37)			
Endividamento	Média	Mediana	Desvio-padrão
1. Não é certo gastar mais do que ganho	4,40	5	0,86
2. Eu sei exatamente quanto devo em lojas, cartão de crédito ou banco	3,86	4	1,13
3. Eu sei exatamente quanto devo em lojas, cartão de crédito ou banco	3,89	4	1,04

Fonte: Dados da pesquisa

Com relação às afirmativas relacionadas ao endividamento dos respondentes, os indivíduos com nível de conhecimento financeiro considerado alto apresentaram baixa propensão ao endividamento. Para as duas primeiras afirmativas sobre a variável, eles obtiveram média 4,50, o que significa que responderam majoritariamente entre concordo e concordo muito, para as afirmações “Não é certo gastar mais do que ganho” e “Eu sei exatamente quanto devo em lojas, cartão de crédito ou banco”. Para a afirmação “Acho normal as pessoas ficarem endividadas para pagar as coisas”, eles apresentaram média 4,17, o que significa que responderam, em sua maioria, discordo para essa afirmativa. Os resultados para esse grupo foram satisfatórios.

Os indivíduos com nível médio de conhecimento financeiro apresentaram resultados ligeiramente mais baixos que os de alto nível de conhecimento financeiro, para as afirmações relacionadas ao endividamento. No entanto, eles ainda foram satisfatórios. A questão que apresentou menor média foi a afirmativa “Acho normal as pessoas ficarem endividadas para pagar as coisas”, que apresentou média de 3,81, o que significa que os indivíduos responderam majoritariamente entre indiferente e discordo.

Por fim, os respondentes considerados com baixo nível de conhecimento sobre finanças pessoais apresentaram pouca variação entre os demais, apresentando a menor média para a afirmação “Eu sei exatamente quanto devo em lojas, cartão de crédito ou banco”, a qual foi de

3,86, ou seja, responderam majoritariamente concordo para essa afirmativa. Os resultados das outras duas afirmativas variaram pouco com relação aos dos demais. De forma geral, os indivíduos apresentaram pouca propensão ao endividamento. As variações foram singelas. Entretanto, os indivíduos com maior nível de conhecimento financeiro ainda apresentaram os melhores resultados, conforme esperado.

Com o questionário também foi possível fazer a análise da relação entre o nível de escolaridade e a educação financeira da amostra, os indivíduos que possuem nível superior incompleto foram maioria entre os três níveis de conhecimento financeiro analisados. No entanto, esse resultado ocorreu provavelmente porque os indivíduos com ensino superior incompleto são maioria na amostra. Apesar desse viés, os indivíduos com nível superior completo se concentram mais entre os respondentes que possuem alto e médio nível de conhecimento financeiro do que na faixa de baixo nível de conhecimento financeiro. Esse resultado denota uma relação positiva entre as variáveis nível de escolaridade e nível de educação financeira para a amostra analisada, o que corrobora com o concluído no INDEF, e vai contra o afirmado por Costa e Miranda (2013).

Os respondentes que se encontram na faixa etária entre 18 a 25 anos representaram 96,4% do total de indivíduos que utilizam apenas 1 cartão de crédito, e os indivíduos até 17 anos representam o restante (3,6%) desse mesmo total. Além disso, os indivíduos da faixa etária entre 18 e 25 anos representam 100% do total de indivíduos que utilizam 2 cartões de crédito e 100% do total de indivíduos que utilizam acima de 2 cartões de crédito. Enquanto os indivíduos de 26 a 30 anos representam 60% do total da amostra que não usa cartão, os de 30 a 35 anos 22,8% desse mesmo total e os acima de 35 anos 8,5% desse mesmo total. Com esses resultados, percebeu-se que os respondentes mais novos apresentaram um maior uso do crédito.

Ao cruzar as variáveis número de cartões de crédito e comportamento de risco, não houve variações bruscas entre as diferentes faixas de números de cartão de crédito. Os resultados da análise ainda se mostraram satisfatórios mesmo para indivíduos que utilizam mais de 2 cartões de crédito. É possível fazer um destaque para a afirmação “Gastar dinheiro impulsivamente, sem pensar nas consequências”, que apresentou sua maior média (2,53) para indivíduos que utilizam mais de 2 cartões de crédito, o que significa que a maior parte dessas pessoas responderam que estavam incertos quanto a essa afirmação. Mesmo assim, os resultados não variaram bruscamente e foram positivos pra amostra em geral.

No cruzamento das variáveis faixa etária e endividamento, mais uma vez, não é possível verificar grandes variações, portanto, não se pode afirmar que para esta amostra os indivíduos mais novos possuem um comportamento mais tendente ao endividamento, conforme o afirmado pelos autores Mendes-da-Silva, Nakamura e Moraes (2012) e por Gathergood (2012). Os resultados para todas as faixas etárias apresentaram médias satisfatórias.

Por fim, foi feita uma análise estatística entre os indicadores e variáveis adotados no estudo. Foi realizada uma análise de variância (ANOVA) fator único, sem repetição, correlacionando os indicadores de educação financeira, comportamento de risco e endividamento, com as variáveis faixa etária, gênero, renda e escolaridade ao nível de significância de 95% ($p < 0,05$), conforme Tabela 7.

Para a variável faixa etária, correlacionando-a com a variável educação financeira, as melhores médias foram para as faixas etárias de 26 a 30 anos, que apresentaram média e desvio-padrão de 3,20 e 1,4, respectivamente. Os indivíduos de até 17 anos e os indivíduos de 31 a 35 anos apresentaram diferença estatisticamente significativa para suas respostas para essa variável, o que significa que não foi detectada homogeneidade nesse contexto. Correlacionando a variável faixa etária com o comportamento de risco, a melhor média foi a de indivíduos de até 17 anos, os quais apresentaram média e desvio-padrão de 1,16 e 0,40, respectivamente.

Para o comportamento de risco, não foi detectável homogeneidade nas respostas dos indivíduos de 18 a 25 anos, os quais apresentaram diferença estatisticamente significativa. Por fim, para o endividamento, os indivíduos acima de 36 anos apresentaram média e desvio-padrão de 4,77 e 0,44, respectivamente. Nesse contexto, os respondentes de 18 a 25 anos apresentaram diferenças estatisticamente significativas para as médias de respostas, o que denota que não é possível afirmar que tal comportamento se estende a todos os respondentes desta faixa etária.

Para a variável gênero, as mulheres apresentaram melhor média em educação financeira do que os homens, com média e desvio-padrão de 3,07 e 1,13, respectivamente. Correlacionando com o comportamento de risco, a melhor média foi dos homens, apresentando média 1,62 e desvio-padrão de 0,84. Houve diferença estatisticamente significativa para os dois gêneros, o que impossibilita a detecção de homogeneidade para essa variável. Para o endividamento, as mulheres apresentaram melhor média, tendo como média e desvio-padrão os valores de 4,13 e 1,01, respectivamente. No entanto, elas também apresentaram diferença estatisticamente significativa para suas respostas. É importante ressaltar que essa análise estatística considerou todas as respostas para o cálculo da média e do desvio-padrão para a educação financeira. Diferentemente da análise feita para esse indicador anteriormente, a qual mensurou o nível de educação financeira dos respondentes, e para que isso fosse possível, as respostas “não se aplica” foram desconsideradas. É devido a esse fator que o resultado para a variável gênero foi diferente nas duas análises, quando relacionada com a educação financeira.

Tabela 7. Avaliação de diferença estatisticamente significativa

Variáveis	Frequência na amostra	Frequência na amostra (%)	Educação Financeira	Média ± DP	Comportamento de Risco	Endividamento
Idade						
< 17 Anos (n = 177)	2	1,1%	Média: 2,95* Desvio-padrão: 1,04*	Média: 1,16 Desvio-padrão: 0,40	Média: 4,66 Desvio-padrão: 0,51	
≥ 18 anos ≤ 25 Anos (n = 177)	142	80,2%	Média: 3,05 Desvio-padrão: 1,12	Média: 1,66* Desvio-padrão: 0,88*	Média: 4,19* Desvio-padrão: 0,96*	
≥ 26 Anos ≤ 30 anos (n = 177)	21	11,9%	Média: 3,20 Desvio-padrão: 1,41	Média: 1,74 Desvio-padrão: 0,87	Média: 4,01 Desvio-padrão: 1,07	
≥ 31 anos ≤ 35 Anos (n = 177)	9	5,1%	Média: 3,15* Desvio-padrão: 1,24*	Média: 1,66 Desvio-padrão: 0,76	Média: 4,33 Desvio-padrão: 0,76	
> 36 anos (n = 177)	3	1,7%	Média: 2,8 Desvio-padrão: 1,35	Média: 1,77 Desvio-padrão: 1,09	Média: 4,77 Desvio-padrão: 0,44	
Gênero						
MASCULINO (n = 177)	86	48,6%	Média: 3,04 Desvio-padrão: 1,11	Média: 1,62* Desvio-padrão: 0,84*	Média: 4,26 Desvio-padrão: 0,90	
FEMININO (n = 177)	91	51,4%	Média: 3,07 Desvio-padrão: 1,13	Média: 1,71* Desvio-padrão: 0,91*	Média: 4,13* Desvio-padrão: 1,01*	
Escolaridade						
Superior Incompleto (n = 177)	114	64,4%	Média: 3,04 Desvio-padrão: 1,10	Média: 1,63* Desvio-padrão: 0,86*	Média: 4,20* Desvio-padrão: 0,93*	
Superior Completo (n = 177)	63	35,6%	Média: 3,08 Desvio-padrão: 1,16	Média: 1,73* Desvio-padrão: 0,89*	Média: 4,17* Desvio-padrão: 1,02*	

Renda	Frequência na amostra	Frequência na amostra (%)	Educação Financeira	Comportamento de Risco	Endividamento
Sem renda própria (Considerando n = 177)	56	31,6%	Média: 3,01 Desvio-padrão: 1,36	Média: 1,55* Desvio-padrão: 0,78*	Média: 4,14 Desvio-padrão: 1,00
Até 1 salário (grupo que afirmou possuir renda, n = 121)	29	23,9%	Média: 3,10 Desvio-padrão: 1,17	Média: 1,74* Desvio-padrão: 0,96*	Média: 4,48* Desvio-padrão: 0,66*
De 1 a 5 salários (grupo que afirmou possuir renda, n = 121)	64	52,8%	Média: 3,03 Desvio-padrão: 1,10	Média: 1,73* Desvio-padrão: 0,93*	Média: 4,07* Desvio-padrão: 1,04*
De 5 a 10 salários (grupo que afirmou possuir renda, n = 121)	19	15,7%	Média: 3,21 Desvio-padrão: 1,20	Média: 1,67 Desvio-padrão: 0,87	Média: 4,22 Desvio-padrão: 1,01
Acima de 10 salários (grupo que afirmou possuir renda, n = 121)	9	7,4%	Média: 3,06* Desvio-padrão: 1,12*	Média: 1,74 Desvio-padrão: 0,86	Média: 4,37* Desvio-padrão: 0,71*

Valores sobrescritos com * apresentaram diferença estatística entre as respostas apresentadas pelos indivíduos avaliados no mesmo grupo, ao nível de confiabilidade de 95% ($p < 0,05$).

Fonte: Dados da pesquisa.

Com relação ao nível de escolaridade, a melhor média para a educação financeira foi apresentada pelos indivíduos com nível superior completo, sendo a média e o desvio-padrão desses 3,08 e 1,16, respectivamente. Para o comportamento de risco, o melhor resultado foi para os indivíduos com nível superior incompleto, sendo a média e o desvio-padrão de 1,63 e 0,86, respectivamente. Ambos os grupos, superior completo e incompleto, apresentaram também diferença estatisticamente significativa para suas respostas. Com relação ao endividamento, a melhor média foi para os indivíduos com nível superior incompleto, que apresentaram média e desvio-padrão de 4,20 e 0,93, respectivamente, para essa variável. Novamente, ambos os grupos apresentaram diferença estatisticamente significativa.

Por fim, para a variável renda, os melhores resultados foram para os indivíduos com renda de 5 a 10 salários mínimos, os quais apresentaram média e desvio-padrão de 3,21 e 1,20, respectivamente. No contexto de educação financeira, os indivíduos com renda acima de 10 salários mínimos apresentaram diferença estatisticamente significativa para suas respostas. Para o comportamento de risco, os melhores resultados foram para os indivíduos sem renda própria, os quais apresentaram média e desvio-padrão de 1,55 e 0,78, respectivamente. No entanto, os indivíduos sem renda própria, os com renda até 1 salário mínimo e os com renda entre 1 e 5 salários mínimos apresentaram diferença estatisticamente significativa para suas respostas, não sendo detectável homogeneidade para suas respostas. Para o endividamento, os melhores resultados foram para os indivíduos com renda até 1 salário mínimo, os quais apresentaram média e desvio-padrão de 4,48 e 0,66, respectivamente. Nesse contexto, os indivíduos com renda até 1 salário mínimo, com renda de 1 a 5 salários mínimos e com renda acima de 10 salários mínimos apresentaram diferença estatisticamente significativa para suas respostas.

5. DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

Este trabalho teve como objetivo geral avaliar a relação entre o conhecimento financeiro e o comportamento financeiro de discentes e egressos dos cursos de Ciências

Contábeis, Economia e Administração da UnB. Simultaneamente foi proposto avaliar se as variáveis escolaridade e nível de educação financeira estão relacionadas.

Com os resultados obtidos foi possível concluir, primeiramente, que a maior parte da amostra se concentra em indivíduos classificados com médio e alto nível de conhecimento financeiro, o que corrobora com o esperado, por se tratarem de indivíduos que possuem contato com termos e conceitos financeiros devido às suas áreas de formação acadêmica. Com relação ao objetivo geral da pesquisa, os resultados do cruzamento das variáveis nível de educação financeira e comportamento de risco, e nível de educação financeira e endividamento foram satisfatórios de forma geral, apresentando poucas variações entre os 3 níveis de educação financeira (alto, médio e baixo). Entretanto, os melhores resultados ainda se concentraram em indivíduos que possuem nível de conhecimento financeiro mais alto, o que nos leva a concluir que existe uma influência positiva da educação financeira no comportamento de risco e no endividamento da amostra analisada, ou seja, de fato, os indivíduos que apresentam maior nível de conhecimento financeiro apresentaram um melhor comportamento financeiro.

Os indivíduos com nível superior incompleto foram maioria em todos os 3 níveis de educação financeira analisados. No entanto, ainda foi possível concluir que os indivíduos com nível superior completo se concentraram entre os considerados com alto e médio nível de conhecimento financeiro. Tal constatação nos leva a concluir que existe, de fato, uma relação positiva entre a escolaridade e o nível de educação financeira para a amostra analisada.

Este estudo foi realizado com o intuito de evidenciar a importância da educação financeira de um indivíduo para sua vida e para a sociedade. Apesar de limitado a uma amostra relativamente pequena, a influência do conhecimento financeiro foi demonstrada através dos dados coletados na pesquisa, e vai de acordo com o esperado. Esse dado mostra que investir em educação financeira para a população é uma possível saída para o controle de situações recorrentes no Brasil, como os altos níveis de endividamento e inadimplência apresentados pela população.

Como sugestão de pesquisas futuras, recomenda-se fazer esse estudo para amostras maiores e mais variadas, comparando indivíduos de áreas de conhecimentos diferentes, como por exemplo, abordar uma amostra dividida em discentes e egressos de cursos não relacionados com economia e mercado financeiro, e em discentes e egressos de cursos relacionados com essas áreas. Isso proporcionaria uma diferença maior entre os níveis de educação financeira da amostra, e, conseqüentemente, evidenciaria mais a influência dela no comportamento financeiro dos indivíduos.

REFERÊNCIAS

- ABAR, C. A. A. P. A.; BRANCO, A. C. C.; ARAÚJO, J. R. A. Estudos de pesquisas sobre educação financeira com a utilização de tecnologias. **Tangram – Revista de Educação Matemática**, v.1, n.1, p. 87-107, 2018.
- ANDRADE, J.P.; LUCENA, W.G.L.L. Educação Financeira: uma análise de grupos acadêmicos. **Economia e Gestão**, v. 18, n.49, 2018.
- BANCO CENTRAL DO BRASIL. Caderno de Educação Financeira Gestão de Finanças Pessoais. **Cidadania Financeira - Banco Central do Brasil**, v. 1, n. 1, p. 72, 2013.
- CARVALHO, L.A.; SCHOLZ, R. H. Se Vê o básico do básico, quando a turma rende: cenário da educação financeira no cotidiano escolar. **Revista Brasileira de Gestão e Inovação**, v. 6, n. 2, jan-abr, 2019.
- CAUCHON, D. Student loans outstanding will exceed \$1 trillion this year. **Usa Today**. **Usa Today**, 2011.

- CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO (CNC). **O perfil do endividamento das famílias brasileiras**. [s.l.: s.n.]. v. 1, 2017.
- COSTA, C. M.; MIRANDA, C. J. DE. Educação Financeira e Taxa de Poupança no Brasil. **Revista de Gestão, Finanças e Contabilidade**, v. 3, n. 3, p. 57-74, 2013.
- FELIPE, I. J. S.; CERIBELI, H. B.; LANA, T. Q. Investigating the level of financial literacy of university students. **RACE**, v. 16, n.3, 2017.
- FLORES, S. A. M. Modelagem de Equações Estruturais Aplicada à Propensão ao Endividamento: Uma Análise de Fatores Comportamentais. **Dissertação (Mestrado em Administração) - Programa de Pós Graduação em Administração**, v. 1, n. 1, p. 192, 2012.
- GATHERGOOD, J. Self-control, financial literacy and consumer over-indebtedness. **Journal of Economic Psychology**, v. 33, n. 3, p. 590-602, 2012.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo 2010: escolaridade e rendimento aumentam e cai mortalidade infantil**. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?view=noticia&id=3&idnoticia=2125&busca=&t=censo-2010-escolaridade-rendimento-aumentam-cai-mortalidade-infantil>>.
- _____. **Agência IBGE notícias**. 2012. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2013-agencia-de-noticias/releases/18992-pnad-continua-2016-51-da-populacao-com-25-anos-ou-mais-do-brasil-possuiam- apenas-o-ensino-fundamental-completo.html>>.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). A evolução do crédito no Brasil entre 2003 e 2010. **Evolução do crédito no Brasil entre 2003 e 2010**, v. 1, n. 1, p. 66, 2015.
- LANDIS, J.R.; KOCH, G.G. **The measurement of observer agreement for categorial data**. Biometrics, 1977.
- MACEDO, J. S. J.; KOLINSKY, R.; MORAIS, J. C. J. **Finanças Comportamentais - Como o desejo, o poder, o dinheiro e as pessoas influenciam nas nossas decisões**. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- MATTA, R. O. B. Oferta e demanda de informação financeira pessoal: o Programa de Educação Financeira do Banco Central do Brasil e os universitários do Distrito Federal. **Dissertação de mestrado - Universidade de Brasília**, v. 1, n. 1, p. 214, 2007.
- MENDES-DA-SILVA, W.; NAKAMURA, W. T.; MORAES, D. C. Credit Card Risk Behavior on College Campuses: Evidence from Brazil. **Brazilian Administration Review**, v. 9, n. 3, p. 351-373, 2012.
- ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE). Improving financial education effectiveness through behavioural economics. **Financial literacy and education**, v. 1, n. 6, p. 72, 2013.
- POTRICH, A.C.G.; VIEIRA, K. M.; KIRCH, G. Determinantes da Alfabetização Financeira: Análise da Influência de Variáveis Socioeconômicas e Demográficas. **Revista Contabilidade & Finanças**, v. 26, n. 69, 2015.
- SARAIVA, K.S. Os sujeitos endividados e a educação financeira. **Educar em Revista**, n. 66, p. 157-173, 2017.
- SAVOIA, J. R. F.; SAITO, A. T.; SANTANA, F. A. Paradigmas da educação financeira no Brasil. **RAP**, v.41, n. 6, p. 121-41, 2007.

SERASA EXPERIAN. **Inadimplência cresce no país. Como manter sua empresa protegida?** 2017. Disponível em: <<https://www.serasaexperian.com.br/amplie-seus-conhecimentos/blog/inadimplencia-cresce-no-pais-como-manter-sua-empresa-protegida>>.

SILVA, G. DE O. *et al.* Alfabetização Financeira Versus Educação Financeira: Um Estudo do Comportamento de Variáveis Socioeconômicas e Demográficas. **Revista de Gestão, Finanças e Contabilidade**, v. 7, n. 7, p. 279–298, 2017.